

Resenha do livro “Cornelius Van Til: Uma Análise do Seu Pensamento”, de John Frame

David J. Engelsma

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Cornelius Van Til: An Analysis of His Thought, by John M. Frame. Phillipsburg, New Jersey: P & R Publishing, 1995. 463pp.

Em comemoração ao centésimo aniversário do nascimento de Cornelius Van Til, o Professor John Frame escreveu o que deve ser a análise definitiva do pensamento do seu mentor. Frame é um analisador simpático. Ele reconhece Van Til como “a maior influência teológica sobre mim” e o elogia como “o pensador cristão mais importante do século vinte”.

Contudo, reconhecimento e admiração não embotam a faculdade crítica de Frame. Ele reconhece a fraqueza de Van Til, por exemplo, sua falta de clareza no ensino e na escrita; sua falha relacionada a isso em não definir os termos; e sua conduta grosseira e agressiva na controvérsia com Gordon H. Clark. Frame difere suficientemente de Van Til na área de apologética, a ponto de deixar um observador se perguntando se certos “*gnésio*-Van Tilianos”¹ não poderiam acusar Frame de apostasia apologética.

O valor do estudo magistral de Frame é que ele apresenta todo o pensamento de Van Til duma maneira sistemática, fazendo as distinções, aventurando-se em definições, e oferecendo explicações cuidadosas de dificuldades; explicações estas que estão ausentes nos próprios escritos de Van Til. Dessa forma, Van Til se torna inteligível.

Frame devota cerca de 240 páginas à teologia de Van Til, incluindo suas doutrinas da Trindade, a soberania de Deus, revelação, a antítese e a graça comum, antes de tratar da “apologética apropriada” de Van Til. Ele conclui com algumas observações sobre os sucessores e a influência de Van Til.

De grande interesse é a explicação, defesa e crítica de Frame da apologética pressuposicionalista de Van Til. Van Til “cria que a revelação de Deus tem autoridade absoluta (e assim, certa prioridade) sobre todo o pensamento humano” (p. 135). Com isto, Van Til alegou a realidade da antítese entre o crente e o incrédulo. Espiritualmente, o crente e o incrédulo não têm nada em comum. O pecador não-regenerado é totalmente depravado. A depravação afeta a mente do pecador, de forma que ele não pode conhecer nada verdadeiramente. Não tem sentido raciocinar com ele, apelando à sua mente e tentando provar as veridades da fé a ele sobre os seus próprios fundamentos. Pior ainda, esta abordagem é o reconhecimento de sua autonomia.

O problema é que Van Til, ao invés de manter consistentemente a doutrina Reformada e bíblica da depravação total, compromete a doutrina por seu “conceito limitador”, a graça comum. A graça comum é fundamental para a teologia e apologética de Van Til. Há uma operação graciosa

¹ Nota do tradutor: *Gnésio* significa genuíno em grego.

do Espírito “no profundo do coração do incrédulo” que produz o conhecimento de Deus nele. Este é o “ponto de contato” no homem natural para a prática da apologética Reformada (p. 206).

A obra da graça no incrédulo ocorre com e através da revelação que Deus dá de si mesmo na criação, de acordo com Romanos 1:18ss – revelação geral. Há graça na revelação mencionada em Romanos 1:18ss, de acordo com Van Til, de forma que o conhecimento de Deus que o ímpio tem a partir da criação pode servir à revelação da Escritura. No mínimo, ele pode servir como um ponto positivo de contato para o defensor Reformado da fé ou evangelista: “todos os homens conhecem o Deus verdadeiro através da revelação natural, ao que a revelação especial adiciona conteúdo suplementar” (p. 248; cf. pp. 116-119).

Mas isto não é outra coisa que não a teologia natural da Roma semi-Pelagiana. Não há nenhum ponto de contato no homem natural para o evangelho, quer o evangelho esteja sendo defendido ou proclamado. O pecador não-regenerado está espiritualmente morto. O evangelho não acha nada no incrédulo, não apela a nada no incrédulo, não se adiciona a nada no incrédulo, e não constrói nada sobre algo que esteja no incrédulo. No incrédulo a quem Deus escolheu para salvação, o evangelho *cria* seu contato pelo Espírito regenerador. Chamamos este contato de fé, e fé é o dom de Deus (Efésios 2:8).

O conhecimento de Deus que o pagão tem a partir da criação é imediatamente detido em injustiça. Nem por um uma fração de segundo o pecador usa, ou pode usar, este conhecimento corretamente. O único propósito de Deus com este conhecimento é tornar o pagão inescusável. Este conhecimento, tornado imediatamente como ele é numa mentira de idolatria, nunca é um *ponto de contato*, mas sempre um *ponto de conflito*. Ele tem ódio contra o evangelho; o evangelho luta contra ele. Não há lugar na hospedaria para Cristo.

Portanto, a crítica Reformada da apologética de Van Til não é de forma alguma que esta apologética é pressuposicional e antitética, ou nem mesmo que ela é muito pressuposicional e antitética. Antes, a crítica deve ser que a apologética de Van Til não é pressuposicional e antitética o suficiente. Van Til comprometeu a apologética Reformada com a noção semi-Pelagiana de graça comum.

Contudo, Frame é favorável para com o enfraquecimento de Van Til da sua própria posição antitética, por meio do “conceito limitador” da graça comum. O veementemente antitético Van Til é problemático para Frame. Nesta relação, Frame se mostra flexível ao Arminianismo:

O Arminianismo... [têm] muito em comum com a fé Reformada no nível mais profundo... Estou certo de que os crentes Reformados são, em geral, um só coração com seus irmãos e irmãs Arminianos (p. 212).

Que Van Til sustentava, ou alegava sustentar, tanto a antítese como o seu oposto – a graça comum – aponta para a natureza contraditória da teologia de Van Til. Este é o significado do “conceito limitador” no pensamento de Van Til. Toda doutrina é contraditória por outra doutrina que é seu “conceito limitador”. O “conceito limitador”, na realidade, não limita, mas contradiz. Não alguns, mas “todo o ensino da Escritura é aparentemente contraditório” (citado em Frame, p. 159). A palavra “Aparentemente” é enganosa, pois não há nenhuma possibilidade de reconciliar contradições. Nem Van Til faz qualquer esforço para demonstrar a harmonia real das contradições aparentes.

Não há nenhuma diferença entre a teologia de Van Til neste aspecto fundamental, e a “teologia do paradoxo” neo-ortodoxa, que Van Til castigou como o novo modernismo.

O pensamento contraditório torna o conhecimento impossível. Uma teologia de contradição torna o conhecimento de Deus impossível.

Frame reconhece a gravidade do problema em Van Til.

Uma vez que concordamos que a Escritura contém ensinamentos contraditórios, devemos também admitir que qualquer coisa, absolutamente, pode ser validamente deduzida a partir da Escritura. De fato, se a Escritura contém sequer uma contradição, ela implicitamente ensina tudo, e portanto, nada. A presença de contradições na Escritura invalidaria inteiramente a declaração da Confissão de Westminster de que o conselho de Deus deve ser encontrado nas “conseqüências boas e necessárias” da Escritura, bem como nas declarações explícitas da Escritura. Se há contradições na Escritura, então tudo, e portanto, nada, é uma “conseqüência boa e necessária”. A “... contradição aparente apresenta os mesmos problemas que as contradições reais para a análise lógica da Escritura... Se devemos extrair as inferências lógicas da Escritura, como a Confissão de Westminster prescreve, não nos acharemos na mesma tolice cega e dedutiva a partir das premissas aparentemente contraditórias?... se “*todo* o ensino da Escritura é aparentemente contraditório”, então qualquer dedução lógica a partir das premissas da Escritura parece estar excluído. Visto que há contradições aparentes não somente na doutrina da Trindade, mas também na doutrina dos atributos divinos e na doutrina da relação geral de Deus com o mundo, como podemos extrair quaisquer inferências lógicas a partir do ensino bíblico? (p. 160)

Bastante justo, embora Frame ignore as implicações da acusação, ou a admissão, de que “todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório” para qualquer doutrina da Escritura. Se a inteireza da Escritura são contradições, pode a Escritura ser a revelação divina? Pode a Palavra de Deus ser essencialmente contradições aparentes por toda parte?

Frame tenta mitigar a seriedade da visão da Escritura de Van Til, ao observar que, de fato, Van Til é geralmente muito lógico em sua obra teológica. Mas isto somente sugere que, de acordo com sua visão da verdade, o próprio Van Til é paradoxo: afirmando uma coisa, a saber, a natureza contraditória de toda verdade, ele procede sobre a base do seu oposto, isto é, que a verdade é lógica.

Esta posição paradoxal capacita Van Til a viver no melhor de todos os mundos teológicos possíveis. Quando ensinando, ele pode ser lógico até certo ponto (e como uma pessoa poderia *ensinar* de outra forma?). Mas quando alguém desafia um dos seus escritos, por exemplo, que o Deus predestinador ama todos os homens e sinceramente deseja salvar a todos, ele pode prontamente se refugiar na “contradição aparente”.

Frame também opta pela natureza paradoxal da verdade. Ele faz isso numa declaração que equivale ao exemplo clássico do paradoxo: “a revelação apresenta contradições aparentes para nossas mentes, embora também nos sobrepuje com sua unidade lógica” (p. 175).

O que você disse?

Para Van Til e Frame, a primeira e fundamental contradição é a doutrina bíblica de Deus como Trindade. Frame defende a declaração controversa de Van Til de que Deus é uma pessoa bem como três pessoas. A defesa de Frame aumenta a confusão, pois Frame propõe que “é ortodoxo também dizer que Deus é uma substância e três substâncias”.

Certamente não é ortodoxo dizer isto, mas heterodoxo. A ortodoxia para os Presbiterianos é determinada pela Confissão de Fé de Westminster, e a Confissão claramente diz: “Na unidade da

Divindade há três pessoas, de uma substância...” (2.3). Mas dizer o contrário cria uma grande confusão trinitariana. Agora, temos uma doutrina aparentemente Presbiteriana da Trindade que ensina que Deus é uma pessoa e três pessoas, bem como um ser e três seres.

Frame pensa que tal formulação é “valiosa por refrear o orgulho intelectual humano”. De fato, tal contradição equivale ao absurdo. Ela zomba da mente santificada do cristão, reduz a afirmação teológica a algo sem sentido, e destrói o conhecimento de Deus em sua vida trinitariana da nossa fé.

A fonte desta teologia ruim é “a idéia do aparentemente contraditório” (pp. 65-71).

Eu desafio qualquer praticante de apologética Reformada, quer pressuposicionalista ou evidencialista, a explicar, defender e promover tal doutrina da Trindade a um incrédulo, cultista ou herege: uma pessoa e três pessoas; uma substância e três substâncias. Ele não dirá que o defensor desta fé é maluco?

Fonte (original): Traduzido com permissão da *PRC* [<http://www.prca.org/>]